

# Investigação em Arte, Ensino e Experiências Transcontinentais

Organizadores  
José Albio Moreira de Sales  
Mirian Nogueira Tavares

## **COLEÇÃO PRÁTICAS EDUCATIVAS**

### **Editores**

Lia Machado Fiuzza Fialho | Editora-Chefe

José Albio Moreira Sales

José Gerardo Vasconcelos

## **CONSELHO EDITORIAL EXTERNO**

### **Conselho Nacional Externo**

Charliton José dos Santos Machado, Universidade Federal da Paraíba, Brasil  
Emanoel Luiz Roque Soares, Universidade Federal do Recôncavo Baiano, Brasil  
Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento, Universidade Tiradentes, Brasil  
Jean Mac Cole Tavares Santos, Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, Brasil  
José Rogério Santana, Universidade Federal do Ceará, Brasil  
Lia Ciomar Macedo de Faria, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Brasil  
Maria Lúcia da Silva Nunes, Universidade Federal da Paraíba, Brasil  
Norberto Dallabrida, Universidade do Estado de Santa Catarina, Brasil  
Robson Carlos da Silva, Universidade Estadual do Piauí, Brasil  
Rosangela Fritsch, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil  
Samara Mendes Araújo Silva, Universidade Federal do Paraná, Brasil  
Shara Jane Holanda Costa Adad, Universidade Federal do Piauí, Brasil

### **Conselho Internacional**

António José Mendes Rodrigues, Universidade de Lisboa, Portugal  
Catherine Murphy, University of Illinois, Estados Unidos da América  
Cristina Maria Coimbra Vieira, Universidade de Coimbra, Portugal  
Dawn Duke, University of Tennessee, Estados Unidos da América  
Hugo Heredia Ponce, Universidad de Cádiz, Espanha  
Nancy Louise Lesko, Columbia University, Estados Unidos da América  
Oresta López Pérez, El Colegio de Michoacán, México  
Ria Lemaire, Universidade de Poitiers, França  
Susana Gavilanes Bravo, Universidad Tecnológica Metropolitana, Chile  
Emilie Zola Kalufuak, Université de Lubumbashi, Haut-Katanga, Congo

## **UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ**

**REITOR** - Hidelbrando dos Santos Soares

**VICE-REITOR** - Dárcio Ítalo Alves Teixeira

### **EDITORA DA UECE**

**COORDENAÇÃO EDITORIAL** - Cleudene de Oliveira Aragão

### **CONSELHO EDITORIAL**

Ana Carolina Costa Pereira • Ana Cristina de Moraes • André Lima Sousa • Antonio Rodrigues Ferreira Junior  
Daniele Alves Ferreira • Fagner Cavalcante Patrocínio dos Santos  
Germana Costa Paixão • Herald Simões Ferreira • Jamili Silva Fialho • Lia Pinheiro Barbosa  
Maria do Socorro Pinheiro • Paula Bittencourt Vago • Paula Fabricia Brandao Aguiar Mesquita  
Sandra Maria Gadelha de Carvalho • Sarah Maria Forte Diogo • Vicente Thiago Freire Brazil

Organizadores  
José Albio Moreira de Sales  
Mirian Nogueira Tavares

# Investigação em Arte, Ensino e Experiências Transcontinentais

ADÉRITO FERNANDES-MARCOS  
ANA CRISTINA DE MORAES  
ANA FILIPA MARTINS  
ANTÓNIO FRAGOSO  
BRUNO MENDES DA SILVA  
DENISE MELLER LOSEKANN  
ELTER MANUEL CARLOS  
ELTON DA SILVA SOUZA  
FRANCIONE OLIVEIRA CARVALHO  
FRANCISCO SILVA CAVALCANTE JUNIOR  
GABRIEL EVANGELISTA  
JOÃO ÁLVARO FERNANDES  
JOSÉ ALBIO MOREIRA SALES  
LEDA MARIA DE BARROS GUIMARÃES  
MARILDA OLIVEIRA DE OLIVEIRA  
MIRIAN NOGUEIRA TAVARES  
NATÁLIA LARANJINHA  
PEDRO ALVES DA VEIGA  
RAFAEL DE SOUSA CARVALHO  
SELMA PEREIRA  
SUSANA COSTA  
THALITA DE CÁSSIA REIS TEODORO  
THAYNÁ GOMES DE MELO LEITE



1ª EDIÇÃO

FORTALEZA-CE | 2025

## INVESTIGAÇÃO EM ARTE, ENSINO E EXPERIÊNCIAS TRANSCONTINENTAIS

© 2025 Copyright by José Albio Moreira de Sales e Mirian Nogueira Tavares (Orgs.)

O conteúdo deste livro bem como os dados usados e sua fidedignidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. O *download* e o compartilhamento da obra são autorizados desde que sejam atribuídos créditos aos autores. Além disso, é vedada a alteração de qualquer forma e/ou utilizá-la para fins comerciais.

### TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Editora da Universidade Estadual do Ceará – EdUECE  
Av. Dr. Silas Munguba, 1700 – Campus do Itaperi – Reitoria – Fortaleza – Ceará  
CEP: 60714-903 – Tel.: (85) 3101-9893 – Fax: (85) 3101-9893  
Internet: [www.uece.br/eduece](http://www.uece.br/eduece) – E-mail: [eduece@uece.br](mailto:eduece@uece.br)



Coordenação Editorial  
Cleudene de Oliveira Aragão

Projeto Gráfico e Capa  
Carlos Alberto Alexandre Dantas  
[carlosalberto.adantas@gmail.com](mailto:carlosalberto.adantas@gmail.com)

Revisão Vernacular e Normalização  
Jarles Lopes de Medeiros  
[jarles.lopes@uece.br](mailto:jarles.lopes@uece.br)

Este trabalho é apoiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito dos projetos UID/04019: Centro de Investigação em Artes e Comunicação.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

5163i Sales, José Albio Moreira de

Investigação em arte, ensino e experiências transccontinentais/  
José Albio Moreira de Sales; Mirian Nogueira Tavares (org.). – Forta-  
leza: EdUECE, 2025.

295p. il. [livro eletrônico]

ISBN: 978-85-7826-996-8

<https://doi.org/10.34623/ye65-be91/978-85-7826-996-8>

1. Arte. 2. Educação. 3. Ensino. 4. Experiência. 5. Sales, José Albio Mo-  
reira de. 6. Tavares, Mirian Nogueira. I. Título

---

CDD 370

# SUMÁRIO

## APRESENTAÇÃO • 7

José Albio Moreira Sales

Mirian Nogueira Tavares

## PARTE I

### ARTE, INTERDISCIPLINARIDADE, CULTURA E TECNOLOGIAS CONTEMPORÂNEAS

#### 1 **PROJETO INVITRO: NO CAMINHO DA DEMOCRATIZAÇÃO E DA TRANSDISCIPLINARIDADE ENTRE ARTEFATOS, EXPERIÊNCIAS E PENSAMENTO CRIATIVO • 15**

Adérito Fernandes-Marcos

Selma Pereira

#### 2 **A/R/COGRAFIA NO ENSINO E PRÁTICA ARTÍSTICA: A EXPERIÊNCIA NO DOCTORAMENTO EM MÉDIA-ARTE DIGITAL • 35**

Pedro Alves da Veiga

#### 3 **O JOGO UNBULLY: FANTASIA E EMPATIA PARA ENFRENTAR O DISCURSO DE ÓDIO EM COMUNIDADES ONLINE • 66**

Gabriel Evangelista

Susana Costa

Ana Filipa Martins

Bruno Mendes da Silva

#### 4 **ARTE E CULTURA POPULAR NOS CURSOS DE ARTES VISUAIS: INSISTÊNCIA/RESISTÊNCIA • 89**

Leda Maria de Barros Guimarães

## PARTE II

### ENSINO, PESQUISAS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO CAMPO DA ARTE

#### 5 **A ESPETACULARIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO ARTÍSTICA: INVESTIGANDO O IMAGINÁRIO VISUAL DE UMA ESCOLA DO 1º CICLO DO ENSINO BÁSICO • 127**

João Álvaro Fernandes

António Fragoso

- 6 O ENSINO DA ARTE CONTEMPORÂNEA NUMA PERSPETIVA PÓS-HUMANISTA: O CASO DE MARROCOS • 152**  
Natália Laranjinha
- 7 EDUCAÇÃO ESTÉTICA EM MOSTRAS ARTÍSTICO-PEDAGÓGICAS NO CURSO DE PEDAGOGIA • 172**  
Elton da Silva Souza  
Ana Cristina de Moraes
- 8 PRESENÇA DO CORPO: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS AFORREFERENCIADAS PARA UMA EDUCAÇÃO SENSÍVEL E ANTIRRACISTA NA FORMAÇÃO DOCENTE • 190**  
Thalita de Cássia Reis Teodoro  
Francione Oliveira Carvalho

### **PARTE III**

#### ARTE NO DIÁLOGO COM A *POÍESIS* E FORMAÇÃO ESTÉTICA

- 9 EMPOEMAR A UNIVERSIDADE É PRECISO • 215**  
Francisco Silva Cavalcante Junior
- 10 IMPERMANÊNCIA PRÍSTINA DA IMAGEM-SERPENTE • 231**  
Rafael de Sousa Carvalho  
Thayná Gomes de Melo Leite  
José Albio Moreira Sales
- 11 SOBRE IMAGENS QUE COMPÕEM COM ESCRITAS NO AGENCIAMENTO DE UM DIÁRIO COLETIVO • 243**  
Marilda Oliveira de Oliveira  
Denise Meller Losekann
- 12 PAULO FREIRE E A EDUCAÇÃO COMO OBRA DE ARTE: ENSINAR EXIGE ÉTICA E ESTÉTICA • 265**  
Elter Manuel Carlos

## 9 EMPOEMAR A UNIVERSIDADE É PRECISO

<https://doi.org/10.34623/q74a-6167/978-85-7826-996-8/cap9>

### **FRANCISCO SILVA CAVALCANTE JUNIOR**

Pós-doutorado em Comunicação e Produção Literária na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB). Tem doutorado em Ensino de Leitura e Escrita na Universidade de New Hampshire (EUA), mestrado em Educação Especial na Universidade de New Hampshire (EUA) e graduação em Psicologia na Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Professor da Universidade Federal do Ceará (UFC) no Instituto de Cultura e Arte (ICA) e no PPG em Avaliação de Políticas Públicas (PPGAPP). Atualmente, é presidente do Conselho Editorial da Universidade Federal do Ceará e diretor da Editora UFC. Autor de 29 livros, as suas mais recentes publicações são "Fortaleza, poéticas do passado: Antologia" (Editora UFC, 2025) e "Nômades" (CRV, 2024).

E-mail: [cavalcante@ufc.br](mailto:cavalcante@ufc.br)

Não conheci Coruam (nome fictício) em vida. Reuni fatos sobre a sua existência, quando fui convidado para trabalhar o luto com a turma de Medicina da qual ele era um estudante exemplar.

No final da tarde de um dia letivo, Coruam pulou do oitavo andar da sacada do seu apartamento. No início da mesma semana, ele fez a última postagem em uma de suas redes sociais, e nela perguntou: “O que é a vida sem poesia, não é mesmo?”.

Em resposta à pergunta, recebeu somente curtidas (*likes*). Ninguém, de fato, perguntou se Coruam necessitava de um ombro amigo ou de alguém para escutar sobre a sua existência sem poesia.

Criei “A Barca de Coruam” para dar ressonância à pergunta de um jovem que nunca conheci, mas cujo sofrimento é igualmente compartilhado por muitos outros jovens que encontro na Universidade:

uma barca sem destino fixo aportou na folha do caderno  
e pediu para fazer passagem sem ponto final

a barca de Coruam avisou que está de passagem em  
tudo que é paisagem e nas ondas que são anjos que dor-  
mem no mar, pede carona em todo lugar

Coruam segue errante na sua barca, de canto em canto,  
procurando um porto para se ancorar e seguir surfando  
nas ondas do mar

sobre a prancha de surfe conecta-se ao pai morto num  
desastre de asa delta que mergulhou nas profundezas  
do mar, Coruam no fôlego da onda resiste para também  
não afundar

belo Coruam banhado de luz sorri para tudo, mas da dor que carrega na alma não consegue se separar, sem antes mergulhar nas lágrimas da falta, sempre triste

Coruam segue a água-viva trilha de seus dias, beleza e veneno, projetos humanos para os anjos do mar, fugindo das expectativas alheias, filho do mar segura firme o remo da barca, vestígios à vista

em repouso flutuante na barca do seu único domínio, Coruam respira aliviado ao sentir que suas mãos, seus olhos, seu corpo, seu todo ainda é o mesmo, apesar das muitas expectativas que o querem outro, esperando o sonho acontecer

na barca um dia colide a garrafa com o bilhete trazido pelo mar, enquanto seu corpo repousa da loucura que finge que todas as expectativas são normais, Coruam vive o tempo, sente que a vida é o instante e só quer um pouco mais de alma

no tempo sem tempo, Coruam lê o bilhete da garrafa trazido pelo mar, «não se desespere, não deslize para a morte, os desafios existem e podemos superá-los, sei que as palavras doem mais que qualquer coisa, vista o colar dos vivos»

a barca de Coruam abeirou-se na praia, o mar secou, encaixou na areia, a morte assumiu o remo da travessia para uma vida prematuramente ceifada, “o que é a vida sem poesia, não é mesmo?”, ninguém respondeu a sua última pergunta

“há no céu tantos sonhos que a poesia, embaraçada pelas velhas palavras, não conseguiu nomear!”, escreveram na lápide de Coruam, mas quando não se pode mais desejar, a violência recebida do mundo é praticada contra si mesmo

nas despedidas de Coruam, ouviu-se, “hoje perdemos um menino-passarinho, um coração puro foi embora

sem nem avisar e eles não avisam, mas mostram sinais do infindável desejo de voar. (Cavalcante Jr., 2018, p. 1).

O suicídio de Coruam despertou, em mim, a necessidade de empoemar a universidade, através da proposição de uma ciência poética, a arte de conceber a aprendizagem universitária ao modo dos poetas, gente que sabe contemplar o estético como uma outra forma do saber e encontra na poesia um modo de pensamento.

Na proposição de uma ciência poética, juntei-me aos autores que abrem caminhos metodológicos múltiplos para uma pesquisa com base nas artes. Segundo os pioneiros do movimento da *arts based research*, originado em 1993 na Universidade de Stanford (EUA), Tom Barone e Elliot W. Eisner (2012), esse modo de fazer ciência utiliza-se “das formas de pensamento e das formas de representação que as artes proporcionam como meio através do qual o mundo pode ser mais bem compreendido e, através desse entendimento, dá-se a ampliação da mente”.

A esses autores, somei os meus esforços para a pluralização da palavra científica, partindo da constatação de que o sujeito que aprende é também o sujeito que escreve os seus conhecimentos, engajamento metodológico empreendido desde 1994, quando ingressei no programa de Doutorado em Leitura e Escrita da Universidade de New Hampshire (EUA).

De todos os precursores de uma ciência poética, destaco as palavras precisas de Norman Denzin (2010, p. 89, tradução nossa), em seu importante “Manifesto Qualitativo” em prol da ampliação das formas de representação nas feitura científicas, que mostram que a poesia torna público o que muitos sociólogos e antropólogos mantiveram escondido: “os seus sentimentos privados, dúvidas e dilemas, incertezas que confrontam o pesquisador de campo”. Assim como Denzin (2010, p. 90) e os que aderiram ao seu manifesto, venho, também, ampliando e pluralizando as formas de letramentos na escrita

científica, para “mudar o mundo através das formas que escrevemos sobre ele”.

Com a utilização da escrita poética nas feitura científicas, passei a ampliar as possibilidades de uma ciência de feitura, utilizando-me das múltiplas formas de letramentos que estão disponíveis para vermos e sentirmos o mundo em diferentes dimensões, visando à ampliação dos nossos sentidos. Por feitura, em uma proposta de escrita científica, refiro-me à etimologia da palavra “poética” em sua acepção grega de fazer (*poiesis*), portanto, aquilo que fazemos com as linguagens do espírito humano (Cavalcante Jr., 2001; 2009).

Foi em Paul Valéry, um dos maiores expoentes do estudo e da prática da poética como método de conhecimento, que encontrei a melhor ressonância do que vislumbrei nessa tradição de produzir uma *inter(in)venção*-científica:

O fazer, o *poiein*, do qual desejo me ocupar, é aquele que termina em alguma obra [...] que se convencionou chamar de *obras do espírito*. São aquelas que o espírito quer fazer para o seu próprio uso, empregando para esse fim todos os meios físicos que possam lhe servir (Valéry, 2011, p. 196-197).

Valéry enaltece o espírito criativo do qual somos dotados e convoca a nossa sensibilidade para o fato de que todo conhecimento, em qualquer campo do saber, é o resultado do que “podemos ou observar ou fazer nós mesmos” (*Ibid.*, p. 199).

Continuei estudando os poetas e os seus modos de criação. Em Gonçalo M. Tavares (2006, p. 82), filósofo e poeta português, encontrei a primeira assertiva: “Poesia é ciência individual”. Dois séculos antes, foi o filósofo e poeta americano Ralph Waldo Emerson (2006, p. 364-365, tradução nossa, grifo nosso) quem havia dito: “Tudo se torna poesia quando nós olhamos de dentro [...] porque a poesia é ciência, é o sopro do mesmo espírito em virtude do qual a natureza vive. E jamais nenhuma ciência se originou senão por uma percepção poética”. E ainda, para o

filósofo e poeta brasileiro Antonio Cicero (2017, p. 28), “‘poeta’ vem de *poietes*, que quer dizer ‘aquele que faz ou produz’”.

Anteriormente à concepção de uma ciência poética, caracterizei o perfil de uma ciência anárquica em vista dos seus instantes poéticos, rompendo com os padrões que enrijecem o potencial criativo daqueles escritores situados no domicílio técnico-acadêmico (Cavalcante Jr., 2014). Atrrelados ao gênero abstrato de uma “escrita científica”, cristalizamos o ofício daqueles que, operadores da linguagem na esfera da ciência, por isso mesmo não abdicaram do lugar inventivo nas suas escritas. Em sintonia com Gonçalo M. Tavares (2014, p. 182), “os gêneros literários [também] me parecem limitativos.”

Ao discutir a anarquização da ciência, apresentei a *feitura* aos modos daquela escrita dos poetas, cujos métodos não convergem em padrões definidos de um campo. Afinal, “com o que uma pessoa escreve?” foi a pergunta-provocativa que me apresentou Gonçalo M. Tavares (*Ibid*) nos seus escritos. A sua réplica foi bastante óbvia para todos nós, inclusive para aqueles que fazemos ciência: “com o alfabeto”, disse ele, “uma pessoa escreve com a, b, c...”. Flagrantemente correta, a ponto de não convocar a minha atenção. “Meu material de trabalho é o alfabeto”, completou Gonçalo M. Tavares (*Ibid*).

Comunicar diz respeito à criação de perspectivas ou de cenários, de filiações aos mundos vislumbrados: para além de uma ferramenta acessória, a escritura é também o nosso material no trabalho científico. Escrevo estas palavras no trânsito entre o alfabeto, os conhecimentos e os vazios que se disponibilizam em mim, em uma composição que se desenha no suporte da tela para os ecos na interação entre os dedos junto ao teclado do meu computador.

Trata-se de um exercício performativo que administra essas convenções aparentemente gerais (da língua) que me permitem aglutinar signos previamente emprestados desse nosso campo linguístico, a ponto de constituir os meus significados,

ou aqueles usos mais particulares nessa equação poética das estruturas portuguesas-brasileiras-de-afetos-tão-guaranis.

Lancei-me à escrita poética como método arquigono, uma forma de escrita que produz intensidades de vida, que faz da escrita de quem escreve um movimento incessante de ser vida, e não somente processos de suspensão e impessoalidade linguísticos. A escrita arquigona é aquela que se propaga, que se prolifera e reinventa no próprio tempo da escrita, que nasce da experimentação da vida e por ela deixamo-nos ser tocados “como se de dentro” (Gumbrecht, 2014, p. 32) dessa malha de textualidade que reclama a vitalidade de quem escreve esteticamente, inspirada no fazer literário que se desprende do filósofo Jean-Luc Nancy (2014), a quem, muitos de nós, os ditos contemporâneos, somos tributários devedores na inspiração.

A exemplo de outro acadêmico que também encontrou no ato de escrever profissionalmente um meio “de dar uma resposta existencial ao mundo” (Tezza, 2014, p. 64), passei a escrever com a liberdade de quem tem a “necessidade orgânica” (Tavares, 2014, p. 180) de comunicar, de quem tem a fome das *palavras encarnadas* – essa forma de movimento para quem busca experienciar e compreender o que se vive, ciente de que a “poesia tem a ver com tudo o que não entendo” (Hilst, 2017, p. 565), que “poesia é a descoberta das coisas que eu nunca vi” (Andrade *apud* Barros, 2010, p. 23), que “escrever o que não acontece é tarefa da poesia” (Barros, 2010, p. 31) e que “as coisas inúteis ficam para a poesia” (*Ibid.*, p. 91) afinal:

tem muita gente se dedicando às coisas úteis  
 eu optei pelas inúteis  
 as que passam despercebidas  
 os dispensamentos da poesia  
 do olhar, do cheirar, do tocar, do ouvir e do saborear  
 prefiro o desenho verbal das palavras inocentes  
 aquelas que me permitem ver o que ainda não vi  
 afinal, o essencial não é mesmo invisível aos olhos?

Em sintonia com o escritor Bartolomeu Campos de Queirós (Belmiro et al., 2014, p. 64), que diz “ter horror da verdade” e prefere “as dúvidas”, eu também comecei a distar daquele modo de escrita tão valorizado por uma tipologia normativa de ciência, e tornei-me cúmplice das muitas gerações de cientistas que praticam a *poética como ciência*:

penso, logo invento  
 esculturas em palavras  
 textos em tintas  
 passos em cordas  
 cantos em dobras  
 invento, logo penso

Nessa utilização da *poiesis* como opção política, conceitual e metodológica em uma ética científica, ampliei as possibilidades de uma *ciência poética*, quando comecei a pensar as múltiplas formas de letramentos e de inteligências que estão disponíveis para vermos e sentirmos o mundo em diferentes dimensões (Cavalcante Jr., 2001; Id., 2009). Desde a minha pesquisa de doutoramento, venho dialogando com um modo de pensar os corpos enquanto poesia, sublinhando o próprio ato de feitura do corpo que somos, visando à ampliação de nossos sentidos para a integração transdisciplinar dos saberes nessa experiência antropológicamente sincrética da palavra plural.

O estudo das obras de Gaston Bachelard (2008) me abriu a imaginação para uma *poética como ciência*. Segundo ele, “as imagens poéticas são *operações* do espírito humano na medida em que nos aliviam, em que nos soerguem, em que nos elevam” (Id., 2001, p. 42).

Para este filósofo francês, há uma forma de escrita que se inquieta na tentativa de subordinação e com a qual fazemos uso da imagem e com ela escrevemos: “A imagem torna-se um ser novo da nossa linguagem, expressa-nos tornando-nos aquilo

que ela expressa – noutras palavras, ela é ao mesmo tempo um devir de expressão e um devir do nosso ser”.

No condão do mesmo pensamento, o cineasta Andrei Tarkovski, diz:

Quando falo de poesia, não penso nela como gênero. A poesia é uma consciência do mundo, uma forma específica de relacionamento com a realidade. Assim, a poesia torna-se uma filosofia que conduz o homem ao longo de toda a sua vida. (Tarkovski, 2010, p. 18).

A Bachelard (2008, p. 119), como os meus esforços para “demonstrar que a poesia é uma força de síntese para a existência humana”. O conhecimento pessoal para o qual se abre a poesia, a ciência individual, como disse Gonçalo Tavares, é a maior potência da natureza humana, a sua própria imaginação. Bachelard chama atenção para a desvalorização dessa grande potência humana, em especial o descrédito que uma tradição da psicologia a ela atribuiu:

A psicologia clássica praticamente não estuda a imagem poética, frequentemente confundida com a simples metáfora. Aliás, em geral, a palavra imagem é um ponto de equívocos nas obras dos psicólogos: veem-se imagens, reproduzem-se imagens, guardam-se imagens na memória. A imagem é tudo, salvo um produto direto da imaginação (Bachelard, 2001, p. 17).

Segundo Paul Valéry (2011, p. 213), a poesia é o lugar das artes que eclode nas transações da linguagem para as quais “certas combinações de palavras podem produzir uma emoção que outras não produzem, e que denominamos *poética*”. Se o pensamento se caracteriza pela ação cognitiva de buscar o que ainda não foi pensado e a poesia como o processo de se deixar afetado por aquilo que cresce em nós e está por vir, pensamento e poesia encontram-se no que Paul Valéry (*apud*. Novaes, 2005,

p. 14) nomeou de “infinito estético”, qual seja, um “desejo que permanece desejo”, o desejo humano de transformar, confirmado pelo poeta Octavio Paz:

Sejam quais forem sua atividade e profissão, artista ou artesão, o homem transforma a matéria-prima: cores, pedras, metais, palavras. A operação transformadora consiste no seguinte: os materiais deixam o mundo cego da natureza para ingressar no mundo das obras, ou seja, no das significações. [...] O que ocorre com a linguagem nas mãos de prosadores e de poetas pode fazer-nos vislumbrar o sentido dessa diferença (Paz, 2012, p. 29).

Não há direções ocultas ou segundas intenções nesse modo de se fazer uma ciência poética, uma *ciência de feitura*: uma produção de conhecimento que afeta enquanto afetada no sujeito agente da ciência, ou poderíamos denominá-lo de *cientista-artista*. De maior relevância é saber que a ciência poética se acomoda ao estudo de qualquer problema de pesquisa. Quando alguém afirma que “essa metodologia não é adequada a esse problema”, aqui reside um “erro”, constata Gonçalo M. Tavares (2006, p. 121). Para este cientista-artista, “qualquer metodologia é sempre adequada a um qualquer problema. As metodologias são ou não adequadas, sim, a determinados objetivos”. Sugere, ainda, ao seu leitor, como pretexto de responsabilizar uma metodologia como impedimento aos estudos vislumbrados: “Se queres retirar essas conclusões não deves utilizar essa metodologia (esta frase é mais sensata)” (*Ibid.*).

Com a ciência poética, aprendo a pensar quando adentro o devaneio que me possibilita ser, que me aflora as possibilidades de contemplar o que interessa estudar. Sou lembrado por Cícero (2012, p. 9), “que nem a filosofia nem a poesia têm grande (se é que têm alguma) utilidade”.

A minha opção, e de muitos como o poeta-filósofo Antonio Cicero, é viver com “a cabeça nas nuvens” (*Ibid.*). Quero

admirar o horizonte celestial que vejo pela janela de casa, envolto do azul índigo a me intumescer de ideias e movido por intuições que me impulsionam a inventar em poesia.

Fazer ciência poética consiste em produzir conteúdo que seja capaz de curar as agruras e de valorizar os louros das travessias da vida. Trata-se de um trabalho científico destinado ao corpo cigano (Cavalcante Jr., 2017), aquele que vive zanzando pelo mundo e deixando-se ser impregnado de mundo, seguindo a esmo, a exemplo do filósofo Kierkegaard (*apud* Coverley, 2014, p. 28), que escreveu: “Quando sair para uma caminhada deixe seus pensamentos perambularem a esmo, farejando aqui e ali, experimentando a primeira coisa vista e depois outra”, caminhar como quem passa pelo mundo e deixa o mundo passar por si.

O propósito da ciência poética é o de produzir poesia “como exercício de divagação, como abertura ao devir” (Gallo, 2015, p. 354). Não se trata de produzir autobiografia ou narrativa de uma vida, mas de criar *feituas*. As *feituas* são escritas com todas as vozes que atravessam o escritor (dos poetas, dos cantores, dos cordelistas, dos cientistas, dos filósofos e de muitos outros).

A poesia é o lugar das artes que eclode nas transações da linguagem para as quais “certas combinações de palavras podem produzir uma emoção que outras não produzem, e que denominamos *poética*”, diz Paul Valéry (2011, p. 213). No desenvolvimento da imaginação criadora reside o futuro que o cientista-artista *es-crê-verá*. Ele *crê* na potência da linguagem da qual faz uso para produção das suas *feituas*. Ele vê com olhos de vidente. Seu hibridismo é a fusão de quem rebusca (*research*) a imagem psíquica percebida do mundo, com o mister dos poetas, aqueles que tentam “transformar a revolta e o desejo de uma comunidade humana mais natural [...] em forças de harmonia, de leveza e de amplitude” (Llansol, 200, p. 46).

A vidência do cientista-artista não é a do tipo sobrenatural. Ele é o vidente pensado por Jacques Rancière (2017), o

vidente como o adorador de imagens, o iluminador, o fabricante de iluminuras. Ao construir este conceito, Rancière foi possivelmente influenciado pelo poeta Arthur Rimbaud, que, em 1871, na juventude dos seus 17 anos de idade, escreveu a “Carta do vidente”, na qual anuncia:

O primeiro estudo do homem que quer ser poeta [...] é seu próprio conhecimento, total; ele procura sua alma, inspeciona-a, tenta, aprende. A partir do homem que a sabe, precisa cultivá-la [...] Eu digo que é preciso ser vidente, fazer-se vidente (Rimbaud, 2005, p. 79).

A imaginação criadora apresenta-se diretamente à vida do cientista-artista que produz as suas ideias e feitos com a energia psíquica da imaginação. Como diz Jung, citado por Hillman (2010, p. 119): “A psique cria realidade todos os dias. A única expressão que posso usar para essa atividade é fantasia. [...] A fantasia, portanto, parece-me a expressão mais clara da atividade específica da psique”. A vida imunda do cientista-artista, ou seja, a sua vida impregnada de mundo, tem fome de ideias. Alinhado à vertente neojunguiana do psicologizar, Hillman explica que:

Para nós, ideias são meios de considerar as coisas (*modi res considerandi*), perspectivas. Ideias nos dão olhos, deixam-nos ver. A palavra ideia por si mesma aponta para sua intimidade com a metáfora visual do conhecer, por estar relacionada com o latim *videre* (ver) e com o alemão *wissen* (conhecer). Ideias são meios de ver e de conhecer, ou de conhecer por meio de *insight*. Ideias nos permitem visionar, e através da visão podemos conhecer (Hillman, 2010, p. 243).

A nossa passagem pelo mundo e o mundo que nos atravessa são as fontes de criação do cientista-artista e o ofício da nossa escrita, ao modo dos poetas, “empoema o sentido das palavras” (Barros, 2010, p. 265). Com essa consciência de que so-

mos seres impregnados de mundo, fazemos o verbo pegar carga poética na pesquisa acadêmica. Iluminados por Manoel de Barros, seguimos construindo uma ciência capaz de “voar fora da asa” (*Ibid.*, p. 302), a exemplo da sua poesia, “que é a voz de fazer nascimentos” (*Ibid.*, p. 301), para que não seja mais necessário viver o luto na sala de aula universitária, de quem morreu sem ter a sua pergunta respondida: “O que é a vida sem poesia, não é mesmo?”.

No coletivo de quem faz ciência com arte, somos cientistas-artistas que temos a missão de “desformar o mundo: tirar da natureza as naturalidades” (*Ibid.*, p. 350). Com palavras empoemadas, desejamos que a ciência seja tocada pela sabedoria dos poetas que nos ensinam a “transver o mundo” (*Ibid.*).

## Referências

ANDRADE, Oswald de. [Poesia]. In: BARROS, Manoel de. *Menino do mato*. São Paulo: Leya, 2010. p. 23.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BACHELARD, Gaston. *O ar e os sonhos: ensaio sobre a imaginação do movimento*. Tradução de Antonio de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BARONE, Tom; EISNER, Elliot W. *Arts based research*. Los Angeles, CA: Sage, 2012.

BARROS, Manoel de. *Menino do mato*. São Paulo: Leya, 2010.

BELMIRO, Célia. *et al.* Bate-papo com Bartolomeu Campos de Queirós e João Luís Anzanello Carrascoza. In: BELMIRO, Célia *et al.* (Org.). *Onde está a literatura? Seus espaços, seus leitores, seus textos, suas leituras*. Belo Horizonte: EdUFMG, 2014.

CAVALCANTE JR., Francisco S. *Por uma escola do sujeito: O método (con)texto de letramentos múltiplos*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001.

CAVALCANTE JR., Francisco S. *Letramentos para um mundo melhor*. Campinas: Alínea, 2009.

CAVALCANTE JR., Francisco S. Anarquizando a ciência com instantes poéticos. In: CAVALCANTE JR., Francisco S. (Org.). *Corpos anárquicos*. Curitiba: CRV, 2014.

CAVALCANTE JR., Francisco S. *Travessias de cigano: feituuras e feitiços*. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2017.

CAVALCANTE JR., Francisco S. *A barca de Coruam*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2018.

CÍCERO, Antonio. *Poesia e filosofia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CÍCERO, Antonio. *A poesia e a crítica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

COVERLEY, Merlin. *A arte de caminhar: o escritor como caminhante*. Tradução de Cristina Cupertino. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

DENZIN, Norman. *The qualitative manifesto: A call to arms*. Walnut Creek, CA: Left Coast Press, 2010.

EMERSON, Edward Waldo. (ed.). *The complete works of Ralph Waldo Emerson*. Ann Harbor, MI: University of Michigan Library, 2006. v. 8.

GALLO, Sílvio. Em torno de uma de uma poética do/no pensamento. *Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação*, n. 23, p. 350–363, 2015. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/resafe/article/view/4698>. Acesso em: 18 jan. 2024.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Atmosfera, ambiência, stimmung*: sobre um potencial oculto da literatura. Rio de Janeiro: EDPUC-Rio, 2014.

HILLMAN, James. *Re-vento a psicologia*. Tradução de Gustavo Barcellos. Petrópolis: Vozes, 2010.

HILST, Hilda. *Da poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

LLANSOL, Maria Gabriela. *Onde vais drama-poesia?* Lisboa: Relógio D'Água, 2000.

NANCY, Jean-Luc. *Arquivada: do senciante e do sentido*. São Paulo: Iluminuras, 2014.

NOVAES, Adauto. (org.). *Poetas que pensaram o mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. Tradução de Ari Roitman e Paulina Wacht. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

RANCIÈRE, Jacques. *Políticas da escrita*. 2. ed. Tradução de Laís Ramalhete, Lígia Vassalo e Eloísa Ribeiro. São Paulo: Editora 34, 2017.

RIMBAUD, Arthur. *Uma estadia no inferno, Poemas escolhidos, A carta do vidente*. Tradução de Daniel Fresnot. São Paulo: Martin Claret, 2005.

TARKUVSKI, Andrei. *Esculpir o tempo*. Tradução de Jefferson L. Camargo. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

TAVARES, Gonçalo M. *Breves notas sobre ciência*. Lisboa: Relógio D'Água, 2006.

TAVARES, Gonçalo M. O imperativo da literatura. In: GONÇALVES, José Eduardo (org.). *Ofício da palavra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014, p. 182.

TEZZA, Cristóvão. A solidão do narrador. In: José Eduardo Gonçalves (org.). *Ofício da palavra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

VALÉRY, Paul. *Variedades*. São Paulo: Iluminuras, 2011.